

ARIA, Doris Santos de (org.).
 Construção conceitual da extensão
 universitária na América Latina. Brasília:
 Editora UnB, 2001.

Um conceito em (re) construção

*Elen Galdes**

A extensão já foi vista como a “salvação” da universidade brasileira. Em toda a década de 1980, foi concebida como indissociável do tripé ensino e pesquisa. Enquanto prática, oscilou entre o assistencialismo e a submissão ao mercado e, hoje, é percebida como mais uma forma de a universidade gerar conhecimento sobre o social. O livro *Construção conceitual da extensão universitária na América Latina* resgata essa trajetória.

Os doze artigos do livro contribuem para o aprofundamento do tema. Mostram a sua polissemia e a relação intrínseca com a própria história da Educação no Brasil. O extensionismo não é recente, mas acompanhou a formação da universidade. Na América Latina, o conceito passou por uma visão da educação como ato de amor, pela influência da Igreja e pelo vínculo de estudantes e professores com movimentos populares.

Outro aspecto importante, revelado nos artigos, é a contradição do discurso sobre o extensionismo e suas práticas. Presente em documentos e diretrizes da

educação brasileira há quase um século, a extensão foi muito sonhada e, ainda, pouco vivida. Influências díspares como a européia, centralizada no oferecimento de cursos para a comunidade, e a americana, mais voltada para práticas assistenciais, disputaram a atenção e os esforços dos extensionistas.

Impasses - O cenário instigante da contemporaneidade, em que a Ciência e a Tecnologia parecem ocupar papel hegemônico, retoma a discussão sobre o papel das universidades. Elas podem enfatizar desigualdades como a má distribuição de renda entre indivíduos, grupos e países, reafirmando-se como um privilégio das classes altas, ou podem tentar reverter essas desigualdades, sendo um dos pilares de transformação social. A partir dos diferentes papéis de universidade, podem-se construir diferentes cenários. A extensão pode atenuar conflitos e tentar substituir o Estado, agindo onde o poder estatal se mostra pouco eficiente, ou pode permitir um diálogo entre os saberes produzidos dentro e fora dos muros universitários. O impasse maior é compreender a extensão como forma de a universidade “ajudar” a sociedade, ou como ponte, comunicação e comunhão entre as duas, em que o saber universitário se reafirma como um saber da/na sociedade, um saber competente e solidário.

Discutir extensão não é uma atividade tranquila. O livro evidencia inquietudes, preocupações e angústias de quem pesquisa e atua na área. Embora não seja mais vista como a prima pobre do ensino e da pesquisa, mas como possibilidade de revitalização dos dois, a extensão sofre de uma síndrome de afirmação. Todos os artigos enfatizam o quanto ela é importante, todos se esforçam em conceituá-la. Mas nenhum avalia os novos atores da prática extensionista, as instituições privadas, que ampliam o debate com termos como ação social, mobilização e marketing social.

* Jornalista, mestra em Jornalismo, doutora em Sociologia, pós-doutoranda em Comunicação.